

Dr. David A. deSilva , Hebreus, Sessão 4, Hebreus 3:1-4:13: Os perigos da desconfiança

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

O próximo segmento principal de Hebreus 3:1 a 4:13, centra-se em torno das reflexões do autor sobre Moisés e a geração do Êxodo que saiu do Egito com Moisés e como os exemplos dessas figuras informam nosso pensamento sobre Jesus, o Filho, e nosso pensamento como aqueles que agora seguem o Filho em um novo Êxodo nosso deste reino material temporário para o reino divino. Nestes capítulos, podemos observar um fluxo argumentativo bastante distinto. Em 3.1 a 6, o autor muda sua atenção de tópicos pertinentes à comparação de Jesus com anjos para uma comparação de Jesus com Moisés.

E, como veremos, este é um segundo passo bastante sensato na comparação contínua do autor de Jesus com figuras importantes na mediação da Primeira Aliança ou da Antiga Aliança. Em 3:7 a 19, o autor inicia uma longa exortação construída em torno da história da geração do deserto ou da geração do Êxodo, primeiro como isso é lembrado no Salmo 95, mas contado muito mais completamente em Números, capítulo 14. O autor examina a história para a dinâmica da promessa divina e da infidelidade humana em ação nela, com o objetivo de alertar os ouvintes sobre a dinâmica semelhante em ação em sua situação, instando-os então em 4:1 a 11 a não fazer as mesmas escolhas desvantajosas e, em última análise, autodestrutivas que a geração do deserto fez no limiar de entrar em Canaã.

Finalmente, o autor encerra este segmento no capítulo 4, versículos 12 a 13, com uma breve palavra de advertência sobre o poder da Palavra de Deus e, portanto, a importância de responder a esta palavra corretamente. Em 3:1 a 2, o autor começa a comparar Cristo e Moisés. Por isso, santos irmãos e irmãs, parceiros de uma vocação celestial, considerem o apóstolo e sumo sacerdote da nossa confissão, a saber, Jesus, que é fiel àquele que o constituiu, assim como Moisés o foi em toda a sua casa.

Quando o autor começa este segmento, ele primeiro se dirige aos destinatários com um termo de parentesco, irmãos ou irmãos e irmãs, e com um termo de pureza, santos, santos irmãos e irmãs. Ambos são componentes importantes da identidade cristã no primeiro século. Ainda podemos estar acostumados hoje a falar de nossos companheiros cristãos como irmãos e irmãs, até mesmo a nos dirigir a eles como irmão ou irmã.

Espero que não tenhamos perdido o que era realmente importante sobre essa identidade, ou seja, um nível de profundo comprometimento um com o outro, de modo que, por sermos relacionados pelo sangue de Cristo, agora estenderemos um ao outro o amor, o cuidado, o apoio, a preocupação que irmãos naturais, quando estão agindo da melhor forma, estendem um ao outro. Além disso, o rótulo sagrado

é um lembrete sutil dos limites sociais que o próprio Deus estabeleceu em torno do público. Eles foram separados do resto da humanidade em virtude de terem vindo a Cristo e recebido os benefícios purificadores da morte de Cristo em seu favor.

Eles se tornaram um povo separado, assim como um novo grupo de parentesco encarregado de apoiar uns aos outros ao longo desta jornada. Eles também são parceiros de um chamado celestial. Isso é algo que o autor vem introduzindo sutilmente em seu sermão o tempo todo.

Ele fala dos ouvintes como aqueles que estão prestes a herdar a libertação em 1:14, e como os filhos e filhas que estão sendo levados à glória no capítulo 2, versículo 10. Ele mantém diante dos ouvintes o destino maior que os aguarda por causa de sua associação com Cristo e os lembra de que uma honra maior é possível para eles por causa desse relacionamento do que jamais seria possível sem Cristo. Na cláusula principal do capítulo 3, versículo 1, o autor os exorta mais uma vez a considerar Jesus.

O autor está, mesmo aqui, continuando a colocar Jesus diante dos olhos da congregação, preenchendo sua visão com este ponto focal enquanto eles contemplam os cursos de ação abertos a eles em sua situação. Olhar para o sol muda sua orientação para o momento presente. Se eles permitirem que seu olhar seja simplesmente distraído por suas circunstâncias presentes, que são, na melhor das hipóteses, sem brilho e, na pior, degradantes, a direção de seu impulso interno será desconectada do compromisso cristão e reposicionada em direção à reabilitação aos olhos de seus vizinhos.

Se Jesus continuar preenchendo o campo de visão deles, no entanto, seu foco estará no que Jesus fez por eles, na obrigação que eles devem a esse grande benfeitor, na honra de Jesus e, portanto, na honra que é devida a Jesus em cada ação deles. Assim, essa estratégia se torna uma parte muito importante dos meios do autor de abordar as necessidades pastorais de seus ouvintes. Ele apresenta Jesus aqui de uma forma muito distinta como o apóstolo e sumo sacerdote de nossa confissão.

Não estamos acostumados a pensar em Jesus como um apóstolo. Jesus tem apóstolos. Como, então, o próprio Jesus é um apóstolo, um mensageiro, um enviado? Mas então nos lembramos de que o autor de Hebreus está muito interessado em Jesus como aquele em quem a palavra final de Deus foi entregue.

Este foi o ponto do parágrafo de abertura do sermão e também da exortação inicial no capítulo 2, versículos 1 a 4. Isso também está de acordo com a ênfase do autor sobre a importância de responder às palavras ditas por Deus no sol. Claro, Jesus como sumo sacerdote é um tópico que o autor desenvolverá longamente, primeiro no capítulo 5 e depois com mais profundidade nos capítulos 7 a 10. O autor continua

no capítulo 3, versículo 2, dizendo que Jesus foi, na citação, fiel àquele que o nomeou, assim como Moisés foi fiel em toda a casa de Deus.

Neste versículo, o autor está recontextualizando palavras de Números 12 versículo 7 e, assim, convidando aquele texto mais antigo para uma conversa com o que ele está dizendo agora neste sermão. Ele adiou uma palavra-chave de Números 12:7, no entanto, a saber, servo. Ele trará isso à tona em apenas alguns versículos como o ponto alto desta comparação que mostra a superioridade de Jesus como filho a Moisés como servo.

Números capítulo 12, versículos 6 e 7, falou sobre o acesso mais direto de Moisés a Deus e a comunicação mais direta de Deus com Moisés do que foi o caso com outros profetas a quem Deus só falou misericordiosamente em sonhos e visões. No contexto de Números, Moisés é elogiado como fiel ou confiado a toda a minha casa. Este, novamente, é um ponto de comparação apropriado porque, como o autor começou o sermão, o filho é o portador de uma palavra mais confiável e fiel do que qualquer um dos profetas que deram apenas indicações parciais do plano de Deus.

Esta comparação não tem a intenção de, de forma alguma, menosprezar Moisés. Comparações em discursos antigos muitas vezes serviam apenas ao propósito de elevar o assunto do discurso. Um orador escolheria figuras nobres com quem comparar o assunto de seu próprio louvor, e Moisés é famoso na tradição como um veículo para a palavra de Deus ser falada.

Moisés também é famoso como mediador para o povo, e ele é frequentemente um mediador bem-sucedido se nos lembrarmos daqueles casos em que Moisés basicamente se jogou entre o povo e Deus, implorando a misericórdia de Deus em seu favor. Deus também reforçou a palavra falada por Moisés em muitas ocasiões no Pentateuco. Tudo isso funciona junto para reforçar o ponto principal que o autor está fazendo, a saber, que Jesus tem maior valor como enviado de Deus, com sua própria mensagem precisando ser ouvida e que Jesus tem maior valor como mediador entre Deus e o povo.

Portanto, a abertura foca tanto em Jesus como apóstolo e como sumo sacerdote, como mensageiro e como mediador. O ponto de partida dessa comparação é a fidelidade de ambas as figuras a Deus. Jesus, àquele que o nomeou enviado e sumo sacerdote, e Moisés nomeado em sua própria capacidade.

À medida que a analogia se desenvolve, veremos o ponto de diferenciação que o autor introduz para mostrar a superioridade de Jesus neste caso. Ou seja, sua colocação superior como filho sobre a família, em vez de meramente um servo dentro da família, e, portanto, a colocação mais próxima de Jesus do chefe supremo da família, ou seja, Deus. O autor prossegue no versículo três para falar sobre a maior honra que pertence ao filho.

Como ele escreve, este é digno de maior honra do que Moisés, na medida em que aquele que constrói a casa tem maior honra do que a casa. Toda casa é fundada por alguém, mas aquele que fundou todas as coisas é Deus. Sim, Moisés é honrado, mas o filho é honrado ainda mais.

Para fazer esse ponto, ele constrói uma analogia que pode nos parecer um tanto estranha. Jesus é para Moisés como um construtor, como uma casa, e como Deus é para toda a criação. Essa analogia provavelmente funciona para o autor e os ouvintes por causa de suas convicções compartilhadas sobre o papel do Filho na criação.

Jesus, como filho, participou da construção da casa, não da criação em geral, mas do corpo dos fiéis de todas as eras e lugares dentro dos quais Moisés apenas serviu. Portanto, em virtude de seu ser maior como filho divino e seu papel maior na casa como cocriador, o filho desfruta de maior honra. Então, como o autor continua, Moisés, por um lado, foi fiel em toda a sua casa como um servo com o propósito de testemunhar as coisas que seriam ditas mais tarde, mas Cristo foi fiel como um filho sobre sua casa, cuja casa somos nós se nos apegarmos à ousadia e à ostentação de nossa esperança.

O termo de Números 12:7 que o autor não introduziu anteriormente neste parágrafo é o termo servo. Em Números, vemos, não assim com meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. O autor queria adiar isso para este ponto para deixar clara a distinção entre Moisés como um servo na casa e Jesus como um filho sobre a casa.

Como herdeiro daquela casa, Jesus está em uma posição sobre a casa e, portanto, tem status maior do que um escravo ou servo dentro da casa. O autor completa isso lembrando aos ouvintes que nós juntos constituímos esta casa que Deus construiu. Ao fazer isso, ele lembrou aos ouvintes da honra que eles desfrutaram em virtude de sua própria fidelidade para com Jesus, ou seja, sendo adotados na casa de Deus e, assim, compartilhando a glória e a honra de seu irmão mais velho, Jesus.

O autor também, no entanto, introduz as condições para continuar a desfrutar desta honra e da esperança que lhe está ligada, nomeadamente a esperança da glória. Ele escreve que somos a sua casa se nos apegarmos à ousadia e à ostentação da esperança. Ousadia na epístola aos Hebreus representa a palavra grega parrhesia.

Esta é uma palavra com uma variedade de significados, e o autor de Hebreus provavelmente se baseia em vários deles ao longo de seu sermão. Ele pede ousadia para com Deus, mas também ousadia para com os vizinhos, em vez de ser intimidado por eles ao silêncio sobre sua fidelidade ou sua conexão com Cristo ou intimidado por eles à submissão, de modo que eles abandonem o grupo cristão. Parrhesia é uma palavra que era frequentemente usada no discurso político grego para falar sobre a fala franca ou a liberdade de expressão que os cidadãos desfrutavam em uma cidade.

Era o que estava em jogo quando um tirano conquistava uma cidade e buscava impor sua vontade. Os cidadãos manteriam sua parrhesia e falariam com o tirano a partir de sua liberdade nativa ou seriam intimidados à submissão e diriam o que o tirano quisesse ouvir para preservar seu gozo de bem-estar temporário? Isso será aplicado pelo autor à situação dos destinatários para os quais a sociedade assumiu o papel de tirano. Eles permitirão que as tentativas da sociedade de envergonhá-los ou intimidá-los esmaguem sua expressão ousada sobre o que Cristo fez por eles e sobre sua esperança em Cristo? A palavra grega também aparece neste versículo.

Esta palavra indica uma reivindicação de honra ou uma ostentação, lembrando novamente os ouvintes diante das reivindicações contrárias de seus vizinhos sobre sua honra, que sua associação com Jesus realmente lhes deu uma valiosa reivindicação de honra, que eles seriam tolos em abrir mão. A comparação entre Jesus e Moisés em Hebreus 3:1 a 6 leva o autor naturalmente a considerar como o povo respondeu à palavra que Deus havia falado por meio de Moisés e, assim, a desenvolver o fracasso da geração do deserto como um exemplo negativo que seus próprios destinatários devem ter cuidado para não imitar em sua situação atual. O autor aborda tanto o exemplo quanto a exortação por meio do Salmo 95.

A segunda metade do salmo se refere ao fracasso da geração do deserto e já usa seu exemplo como base para uma exortação para prestar atenção e responder bem ao que Deus está fazendo. E assim o autor escreve, portanto, assim como o Espírito Santo diz hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações como na rebelião como no dia da provação no deserto, quando os vossos antepassados me testaram e viram as minhas obras durante 40 anos. Por isso, fiquei irado com aquela geração, e disse que eles estão sempre se desviando em seu coração, e não conheceram os meus caminhos, como jurei na minha ira que não entrariam no meu descanso.

Se compararmos a maneira como o autor de Hebreus apresenta o texto do Salmo 95 e a maneira como provavelmente lemos o Salmo 95 no Antigo Testamento de nossas Bíblias em inglês, provavelmente notaremos algumas pequenas diferenças. Isso ocorre porque os tradutores ingleses de nossas Bíblias traduzem o Antigo Testamento diretamente de um texto hebraico, mas o autor de Hebreus se baseia no texto do Salmo conforme encontrado na Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento hebraico que foi usada por judeus de língua grega desde o segundo ou terceiro século a.C. Foi essa tradução grega que se tornou a forma primária na qual os primeiros cristãos em todo o Mediterrâneo oriental também conheciam suas escrituras do Antigo Testamento.

No texto hebraico, o salmista na verdade se refere a três incidentes diferentes nos quais a geração do Êxodo tropeçou em sua resposta a Deus. O incidente em Meribá, onde os hebreus errantes reclamaram contra Deus e Moisés por causa da falta de

água, é descrito em Êxodo 17:1 a 7. Então, o incidente em Massa, onde eles reclamaram uma segunda vez sobre a falta de água, como lemos em Números 20, versículos 2 a 13. Então, finalmente, o incidente no limiar da entrada em Canaã, onde o povo se rebelou em vez de seguir em frente para tomar a terra, conforme relatado em Números 14.

A versão da Septuaginta essencialmente faz os dois primeiros eventos, desculpe, mas essencialmente mascara os dois primeiros eventos em virtude de traduzir os nomes de lugares Massa e Meribah como palavras comuns, amargura e provação. Assim, toda a passagem pode agora ser lida como um reflexo do único episódio recontado em Números 14. Essa história de Números 14 provavelmente é familiar para muitos ouvintes.

No limiar da entrada na terra prometida, o povo dos hebreus decidiu enviar espiões para a terra para ver o que eles enfrentariam se tentassem tomar Canaã como Deus instruiu. Eles selecionam um espião de cada uma das 12 tribos, e quando os espiões retornam, 10 desses espiões dizem que não há como tomarmos a terra. Os habitantes são fortes.

Suas cidades são bem fortificadas. Não vamos ter sucesso. Dois dos espiões, no entanto, Josué e Calebe, disseram que a terra era boa.

Estava maduro para ser tomado, e Deus certamente seria fiel à promessa de Deus. O povo acreditou no relato da maioria. Eles acusaram Deus de trazê-los para o deserto para matá-los lá, e começaram a fazer planos para eleger um novo líder para substituir Moisés, que os havia guiado por esse caminho, e voltar ao Egito e negociar algum tipo de paz com o Faraó e retornar às suas vidas antigas.

Deus interpretou isso como um ato flagrante de desconfiança, desonrando-o e chegando até a acusar Deus de más intenções. Então Deus jura em sua ira que esta geração não entrará. Somente Josué e Calebe entrarão daquela geração, junto com os filhos daqueles rebeldes que de fato finalmente provariam as coisas boas que Deus havia prometido.

Podemos ler essas palavras em Números 14:30, e é a esse juramento que o Salmo 95 versículo 11 se refere especificamente. Então eu declarei sob juramento na minha ira, eles nunca entrarão no meu descanso. Retornando ao nosso sermão, o autor de Hebreus introduz alguns elementos essenciais e estratégicos ao abordar a história de Números 14 através do texto do Salmo 95.

O texto do Salmo enfatiza mais uma vez a importância de dar ouvidos à palavra que Deus fala e andar em linha com ela. Hoje, se você ouvir a sua voz, não endureça o seu coração. Os ouvintes do sermão são diretamente exortados a dar ouvidos à palavra de Deus que receberam no Filho.

E isso se agita em seus próprios corações enquanto eles ouvem o sermão em vez de endurecer seus corações contra o que ouviram de Deus em seu próprio encontro com o Espírito Santo e o Cristo vivo para o bem de retornar à aceitação e estima de seu próximo, a equivalência de um retorno ao Egito. O Salmo também apresenta um exemplo primário de como não responder às promessas de Deus e por que é uma escolha tão tola responder mal porque a geração do deserto, é claro, perdeu o benefício que Deus havia planejado dar a eles o tempo todo e acabou cumprindo seus piores medos para si mesmos, pois toda a geração realmente caiu morta no deserto nos próximos 40 anos. Depois de recitar o Salmo 95, o autor passa imediatamente a olhar mais de perto e aplicar o episódio de Números 14, a rebelião da geração do Êxodo, à situação de seu próprio público.

Cuidado, irmãos, para que não haja em qualquer de vocês um coração perverso e desconfiado que se afaste do Deus vivo. Antes, porém, exortem-se uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama hoje, para que nenhum de vocês seja endurecido pelo engano do pecado; pois nos tornamos parceiros de Cristo, se retivermos firmemente até o fim a primeira parte da substância da nossa esperança.

Assim como diz, hoje se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações como na rebelião. Ao abrir esta exortação, o autor lembra aos ouvintes a importância de cuidar uns dos outros na fé. Ele diz a todos com um imperativo plural: cuidado, todos vocês, para que nenhum de vocês experimente um coração perverso de desconfiança.

A perseverança de um é a competência de muitos. Isso é parte de uma estratégia contínua que o autor exhibe para encorajar a congregação a se tornar uma forte base social de apoio para a perseverança individual no discipulado. Ele também os chama novamente de irmãos e irmãs, lembrando-os de que sua afiliação primária agora, sua família primária agora, deve ser encontrada uns nos outros, a família que Deus reuniu em torno do Filho.

Ele os adverte contra o perigo de um coração perverso de desconfiança que se manifesta em se afastar do Deus vivo. Ao fazer isso, o autor se baseia em um tópico cultural e moral bem conhecido, que é, na verdade, uma falta de virtude em nós mesmos que falha em reconhecer a virtude do outro. Deixar de reconhecer a confiabilidade essencial de Deus não é um julgamento sobre Deus.

É um julgamento sobre nós mesmos e nossa falha moral. Assim, um coração de desconfiança em Deus é um coração de perversidade, da própria perversidade. O autor os adverte, em vez disso, a continuarem encorajando uns aos outros diariamente, enfatizando novamente a necessidade de reforço social do comprometimento individual.

E ele traz outra palavra do salmo aqui, contanto que seja chamado hoje. Este foi o ponto de partida da citação do salmo: hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações. No entanto, na forma como o autor a usa, contanto que seja chamado hoje, o autor sutilmente lembra os ouvintes das expectativas escatológicas que vieram junto com o evangelho cristão.

Nem sempre haverá um hoje, então é melhor fazer o melhor uso deste dia para se preparar para o último dia, o dia que está se aproximando cada vez mais, o dia do retorno de Cristo e o dia da prestação de contas diante dele. Qual é a operação deste pecado que ameaça enganar os ouvintes, endurecer os ouvintes? Em seu cenário particular, o pecado é aquele impulso ou aquela voz que os afasta do que Deus promete em direção ao que o mundo pode oferecer. É aquele impulso de parar de pagar o preço da fidelidade a Deus, da gratidão ao filho, por causa de um desejo de se gratificar com as coisas boas que esta vida pode proporcionar.

Especificamente, no caso deles, a honra e o respeito de seus vizinhos mais uma vez e os benefícios que podem advir do restabelecimento dessas redes sociais. Essa é uma maneira estratégica para o autor colorir esses impulsos. Isso não é pesar duas alternativas igualmente potenciais, duas alternativas igualmente valiosas.

Isso não é ouvir atentamente as palavras de nossos vizinhos ou de nossos familiares que agora estão alienados de nós. O impulso de desertar do grupo cristão é, de fato, a operação da falsidade do pecado dentro de nós. Quaisquer vozes que esse poder do pecado usa para operar sua mágica sedutora sobre nós.

O autor continua dizendo que nos tornamos parceiros de Cristo se nos apegarmos à primeira parte da substância do que esperamos firmes até o fim. Este ditado em 3:14 imediatamente lembra o que o autor tinha acabado de dizer em 3:6. Somos sua casa se nos apegarmos à nossa ousadia e à nossa ostentação de esperança. O status que é desfrutado como co-herdeiros com Cristo, como parceiros do filho, é um status que tem condições.

Não é o começo da jornada cristã que transmite a recompensa de Deus, mas a perseverança na jornada e a chegada ao fim da jornada que permite que alguém entre na recompensa de Deus. Isso é algo que o autor quer impressionar poderosamente os ouvintes. Eles devem continuar e não desistir se esperam chegar à salvação prometida, ou seja, a entrada na pátria eterna de Deus.

Em 3:16-19, o autor formula uma série de perguntas e respostas que destacam alguns dos detalhes da história da geração do deserto em Números 14. Quem são aqueles que, tendo ouvido, se rebelaram? Não foram todos aqueles que deixaram o Egito com Moisés? Quem são aqueles com quem Deus ficou irado por 40 anos? Não foi com aqueles que pecaram, cujos corpos caíram no deserto? Sobre quem ele jurou que não entrariam em seu descanso, exceto com aqueles que foram desobedientes?

E vemos que eles não foram capazes de entrar por causa da desconfiança. O autor teceu a linguagem da história de Números 14 para cimentar essa conexão.

Ao fazer isso, ele destacou duas grandes deficiências na geração do deserto que ele espera que não se manifestem também em sua congregação. A primeira é a desobediência. O Senhor realmente ordenou que o povo entrasse na terra, mas eles desobedeceram por causa do medo da resistência que encontrariam ao seguir em frente.

A segunda é a desconfiança. Como Deus reclama em Números 14:11, até quando esse povo não confiará em mim? Confiança e desconfiança são palavras que frequentemente ocorrem no contexto do discurso sobre relacionamentos patrono-cliente. Um cliente deve confiar e ter fé em seu patrono para entregar a ajuda que é necessária.

Um patrono deve confiar que seus clientes não trarão desonra a esse patrono pela maneira como o cliente agirá dentro do contexto desse relacionamento. O autor destaca essas duas coisas como vícios primários para os ouvintes evitarem em sua situação. Eles não devem deixar de confiar nas promessas que Deus deu, e não devem deixar de obedecer para andar em linha com essas mesmas promessas.

O autor, portanto, usa o Êxodo e a entrada em Canaã como uma estrutura para a narrativa do público e sua situação. Ele quer que eles se vejam no mesmo limiar de entrada na terra que lhes foi prometida. Ele usa Números 14 como a história bíblica mais apropriada para apresentar uma analogia à situação deles.

Eles falharão no limiar de entrar no reino divino, ou eles avançarão corajosamente? Eles dominarão os impulsos em direção à desobediência e desconfiança e assim serão capazes de cruzar onde seus antepassados espirituais falharam? No quarto capítulo de Hebreus, o pregador continua a mostrar aos destinatários como eles se encontram em uma situação análoga à da geração do deserto. Ele começa com um apelo às suas emoções, convidando-os de fato a terem medo. Tenhamos medo, então, para que, enquanto permanecer a promessa de entrar em seu descanso, alguém entre vocês pense em falhar.

Tais apelos às emoções, como o apelo ao medo aqui, eram elementos comuns da antiga arte da persuasão. Esses discursos e sermões antigos não eram feitos meramente para serem tentativas cerebrais e lógicas de argumentação, mas para envolver a pessoa inteira dos ouvintes, incluindo suas emoções. Como Aristóteles reconheceu e escreveu em seu livro-texto sobre retórica, as pessoas tomam decisões diferentes com base em qual estado emocional de espírito elas estão no momento.

O autor quer que seus ouvintes não tenham medo de seus vizinhos ou de suas circunstâncias, ou do que eles ainda podem precisar suportar por causa de seu

compromisso com Jesus. Ele não quer que eles tenham medo de deixar de receber o que Deus tem para eles porque em algum lugar ao longo do caminho, eles decidiram desertar daquele relacionamento com o Todo-Poderoso. A promessa de entrar no descanso de Deus aqui é, para o autor, algo bem diferente da promessa de entrar e possuir a terra de Canaã.

O autor continuará demonstrando isso à medida que o capítulo quatro se desenrola. Aqui, basta dizer que o autor essencialmente considera o juramento do Salmo 95 versículo 11, e eu jurei na minha ira que eles não entrariam no meu descanso, como se referindo a algo diferente, embora ligado ao juramento de Números 14.30, onde Deus havia dito, nenhum de vocês entrará na terra na qual jurei estabelecer vocês, exceto Calebe e Josué. O juramento em Números 14 se refere especificamente a Canaã, mas o autor de Hebreus considera o juramento do Salmo 95 versículo 11 como se referindo a uma terra diferente da promessa, a terra da própria habitação de Deus no céu além dos céus visíveis.

O autor continua a desenvolver as analogias entre a situação do ouvinte e a geração do deserto em seu momento de deserção, enquanto o autor continua a escrever, pois nós também recebemos boas novas, assim como eles, mas a palavra do relatório não os beneficiou, pois eles não foram unidos pela fé com aqueles que ouviram ou aqueles que atenderam. O autor continua a lembrar elementos da história de Números 14, especificamente a desconfiança que os bons relatórios de Josué e Calebe sobre a terra prometida encontraram entre os antigos hebreus. Como a maior parte da geração do deserto foi incapaz de se unir em confiança com aqueles que estavam preparados para atender e obedecer à palavra de Deus, ou seja, Josué e Calebe, eles ficaram aquém do destino que Deus havia estabelecido para eles.

Os ouvintes, é claro, reconheceriam que as boas novas que chegaram a eles eram as boas novas sobre Cristo, o evangelho. O desafio que o autor coloca aqui é implícito. Qual será nossa resposta ao bom relato que recebemos? Ele encontrará confiança e, portanto, nos levará a prosseguir em resposta a essas boas novas ou a essa boa palavra? O autor continua a ir aos ouvintes para se identificarem como pessoas que, de fato, seguirão em frente em confiança no versículo seguinte.

Nós que cremos somos aqueles que estão entrando no descanso. Ele quer que os ouvintes se vejam nessa descrição. Nós, aqueles que creem, aqueles que demonstram confiança, para que eles continuem a investir-se totalmente como se as promessas que ouviram em conexão com Cristo fossem totalmente confiáveis e pudessem ser vantajosamente postas em prática.

À medida que o sermão progride a partir daqui, o autor entra em um argumento um tanto complicado com base nas escrituras para responder à pergunta: o que é o descanso de Deus? E como podemos ter certeza de que esse descanso, essa promessa de entrar no descanso, ainda está diante de nós? O autor continua com

sua exposição. Assim como ele disse, como jurei na minha ira, eles não entrarão no meu descanso, embora suas obras tenham surgido desde a fundação do mundo. O Salmo 95 fala sobre entrar no descanso de Deus, o que leva nosso pregador a Gênesis 2, versículo 2. Pois ele diz em algum lugar sobre o sétimo dia, e Deus descansou no sétimo dia de todas as suas obras.

Vemos aqui em ação uma estratégia interpretativa judaica rabínica ou realmente pré-rabínica, pela qual uma palavra-chave em um versículo leva o intérprete à mesma palavra-chave em outro versículo. Aqui, essa palavra-chave é descanso. Esses dois versículos são então usados para interpretar um ao outro.

A implicação que o autor extrai desses dois textos operando juntos é que os seres humanos são convidados não apenas para o reino geográfico de Canaã, mas também para o lugar do descanso de Deus, o lugar onde Deus descansou após a criação, o lugar que fica no reino além da criação. A geração do Êxodo foi barrada disso por causa de sua desconfiança e desobediência. Mas Deus renova o convite para uma nova geração de ouvintes por meio do texto do Salmo, pois o Salmo exorta essa nova geração a não endurecer seus corações para o que o Espírito está dizendo e, assim, evitar o destino da geração do Êxodo.

Nosso autor, portanto, conclui que resta para alguns entrarem neste descanso. O autor está se engajando em uma interpretação das escrituras que depende da cronologia das declarações escriturais. O fato de que o salmista, a quem o autor de Hebreus naturalmente liga ao rei Davi, diria algo sobre uma promessa de entrar no descanso de Deus séculos depois que o povo histórico dos hebreus chegou a Canaã indica para o autor que há um lugar de descanso muito maior, um lugar de promessa além daquela pequena parcela geográfica de terra que era a preocupação do Israel histórico.

O autor continua desde então. Portanto, resta que alguns entrem neste descanso, e os primeiros, o antigo povo tendo sido evangelizado de fato, não entraram por conta da desobediência; novamente, Deus estabelece um certo dia. Hoje, como Davi diz, depois de tanto tempo, como ele disse, hoje se vocês ouvirem a sua voz, não endureçam os seus corações. Se Josué tivesse dado a eles descanso, Deus não teria falado depois de tantos dias sobre outro descanso.

Esses versículos empregam um argumento contrário. Se Josué tivesse, de fato, ao levar as pessoas para Canaã, dado a elas o descanso prometido por Deus, qual seria o sentido então do salmista falar sobre entrar no descanso de Deus se você der ouvidos à palavra de Deus e não endurecer seu coração? Portanto, o autor conclui em Hebreus 4:9 que um descanso sabático permanece para o povo de Deus. O autor acredita que ele estabeleceu o fato de que um descanso futuro ainda aguarda os fiéis, e agora ele o chama de descanso sabático em consonância com sua

identificação desse descanso futuro com aquele reino de Deus onde Deus descansou das próprias obras de Deus na conclusão da criação.

O autor encerra esta seção para aquele que entra em seu descanso também descansou de todas as suas obras, assim como Deus descansou das suas próprias obras. Agora, este versículo tem sido geralmente lido como uma declaração sobre qualquer um que entra no descanso de Deus, mas vale a pena considerar que o autor tem em mente uma pessoa muito específica que entrou no descanso de Deus, a saber, Jesus, o único indivíduo que entrou no reino do descanso de Deus em virtude de sua ascensão através dos céus para a própria presença de Deus. Este Jesus também de fato descansou de suas próprias obras, como o autor continuará a explicar no capítulo 10, versículos 11 a 13.

Todo sacerdote se levanta diariamente enquanto serve e oferece os mesmos sacrifícios frequentemente, mas este Jesus, tendo oferecido um sacrifício pelos pecados para todo o sempre, sentou-se à direita de Deus, esperando pelo tempo que resta até que seus inimigos sejam colocados como um escabelo sob seus pés. A obra sacerdotal de Cristo é realizada e, portanto, ele é capaz de sentar-se à direita de Deus em vez de permanecer de pé como os sacerdotes cuja obra é incompleta devem fazer. O descanso que é falado em Hebreus 3:7 a 4, 11, então, não deve ser identificado com nada pertencente ao mundo material visível.

É o lugar onde Deus vive, onde Jesus foi como um precursor em nosso favor, e onde também entraremos na remoção do reino impermanente criado. Esta é a esperança que o autor mantém diante de seu público, instando-os a não repetir os erros da geração do deserto. Em 4:11 a 13, o autor agora completa o segundo segmento principal deste sermão que começou em 3:1, um segmento que recebeu coerência pelo foco do autor em Moisés e na geração do Êxodo como modelos de como, com efeito, não responder à palavra e à promessa de Deus.

Neste apelo conclusivo, o autor escreve, portanto, para que façamos todo esforço para entrar naquele descanso, para que nenhum de vocês seja visto caindo no mesmo padrão de desobediência. O autor está, portanto, redefinindo o ponto focal do público sobre o que buscar atingir com base em como a história de Números 14 lhe deu uma estrutura interpretativa para olhar para a própria situação do destinatário. O autor quer que eles concentrem suas ambições, acima de tudo, em entrar no reino divino e atravessar o limiar desta criação material temporária que está destinada à destruição para o reino permanente da própria presença de Deus.

O autor eleva isso como a razão pela qual eles precisam dar seus melhores esforços e se proteger contra aquelas deficiências de desconfiança e desobediência que impediram a capacidade da geração do deserto de cruzar seu limiar geográfico para a terra prometida de Canaã. Seu padrão de desobediência não deve ser imitado. O autor, ao nos dar um subjuntivo exortativo plural, nos deixa fazer todo esforço.

E então, em uma cláusula de propósito, voltando-se para um sujeito singular com um verbo singular para que nenhum de vocês novamente traga ênfase ao investimento que é exigido por todo o corpo de Cristo se cada indivíduo naquele corpo vai perseverar até o fim. Somos repetidamente chamados a vigiar e cuidar uns dos outros neste sermão. Chegamos neste ponto a um par de versículos de Hebreus que podem estar entre os mais famosos do livro.

Eu não era muito dado à memória das escrituras na minha criação, mas um dos poucos versículos que fui encorajado a memorizar na escola dominical foi, de fato, Hebreus 4:12 a 13, que eu sempre tomei como algo em geral sobre a palavra de Deus, sobre a escritura em geral. Pois a palavra de Deus é viva e eficaz e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, discriminando até o ponto de dividir alma e espírito, junta e medula, e julgando os desejos e pensamentos do coração. E não há criatura alguma que esteja oculta diante dele, mas todos estão nus, com as suas gargantas expostas diante dos olhos daquele a quem está a nossa conta.

Esses versos famosos são oferecidos como uma justificativa para adotar a mentalidade e o curso de ação que o autor anunciou no capítulo 4, versículo 11. Façamos todo esforço para entrar nesse descanso, para que nenhum de vocês fique aquém, caindo no mesmo padrão de desobediência. O perigo de ficar aquém é amplificado por esses versos sobre o poder da palavra de Deus.

E esses versículos são, na verdade, muito mais ameaçadores do que meus professores da escola dominical me fizeram acreditar enquanto os memorizava. A palavra de Deus tem sido temática no sermão até este ponto. Ela tem sido fortemente enfatizada nos quatro versículos iniciais do sermão, novamente no capítulo 2, versículos 1 a 4, o aviso de abertura do sermão e, em seguida, na citação do Salmo 95, versículo 7, em Hebreus 3, versículo 7, e, em seguida, frequentemente ao longo de 3.7 a 4.7. A menção da palavra de Deus está sempre conectada com o perigo de deixar de dar a essa palavra a devida atenção e resposta.

Hebreus 4, versículos 12 e 13 se enquadram nesse padrão. Ele ressalta o apelo aos ouvintes em 4:1 para terem medo de endurecer seus corações contra a palavra de Deus, de não responder com obediência grata à ajuda que Deus mostrou e às promessas que ainda estão para ser recebidas de Deus. A imagem que é incorporada aqui, especialmente em 4:13, é a de um réu levado perante um juiz cujos olhos podem penetrar na alma e, portanto, na culpa desse réu.

A vulnerabilidade do destinatário diante do escrutínio penetrante de Deus é, portanto, trazida à sua atenção. Além disso, o particípio grego no texto original, geralmente traduzido simplesmente como exposto ou desnudado, na verdade se refere muito mais completamente ao criminoso condenado cuja garganta é exposta

à lâmina do carrasco. Aqueles que sabem grego podem ver a maior parte da palavra traqueia naquele particípio grego.

O autor coloca os destinatários diante de Deus nus com suas gargantas puxadas para trás, aguardando o golpe da palavra que é mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, a fim de reforçar sua alegação de que a desconfiança e a desobediência para com Deus são realmente os maiores perigos que o público enfrenta, não os perigos da rejeição do próximo que já convenceram alguns deles de que recuar do compromisso com o grupo cristão é vantajoso. Hebreus 3:1 a 4:13 realiza vários passos importantes na estratégia retórica do autor para mover os ouvintes para mais perto da resposta de fidelidade que ele quer ver encarnada em seu meio. Por um lado, ele usou a repetição da frase, entrando em meu descanso ou entrando no descanso de Deus ao longo de todo esse bloco de material como uma forma de impressionar os ouvintes sobre esse movimento em direção ao reino divino e à sua herança eterna como aquilo que deveria ocupar sua atenção mais completamente.

O fato de que essa frase é repetida dentro dessa seção não menos que oito vezes é uma representação textual de quanto eles mesmos devem se ocupar em entrar no descanso de Deus e certificar-se de que não fracassem nessa busca. Esta passagem também, novamente, delineou muito claramente para os ouvintes a oportunidade e o perigo em seu momento presente. A oportunidade é a de se aproximar de entrar no descanso de Deus.

O perigo é cair de volta em um lugar onde eles encontrarão Deus como juiz por causa de sua desconfiança e desobediência. O autor pretende expor cuidadosamente oportunidades e perigos para substituir outras identificações potenciais por parte do público de oportunidades que eles podem perseguir e perigos a evitar. Em particular, os poucos membros da congregação que já pararam de sair para adorar junto com a comunidade cristã identificaram claramente que a oportunidade do momento é recuperar nosso lugar na sociedade de nossos vizinhos, e o perigo a evitar é jogar fora o resto de nossas vidas naturais por causa de nosso comprometimento com essa superstição estrangeira que cresceu no meio de nossa cidade.

Na medida em que os ouvintes aceitam a reformulação do autor dos desafios reais do momento, eles continuarão vivendo ou retornarão a viver a partir de seu compromisso com Deus e Cristo, com seu compromisso com o grupo cristão, seu testemunho e sua prática. Esta porção de Hebreus também continua a desafiar os cristãos em todas as gerações até a nossa. Ela destaca para nós os perigos da esclerose espiritual, aquele endurecimento do coração para a palavra de Deus contra o qual o autor adverte.

Esse endurecimento pode acontecer de muitas maneiras. Uma das mais comuns e insidiosas é o que acontece quando permitimos, após nosso fervor inicial em vir a Cristo, que as vozes ao nosso redor, sejam de nossa família, amigos, associados, até

mesmo vozes impessoais como as vozes de anúncios e propaganda política, substituam nossa paixão por Deus e pela vida com Deus por um interesse renovado em adquirir e desfrutar das coisas desta vida que podem ou não ser más em si mesmas, mas na medida em que nos distraem de ouvir e responder a Deus, representam um perigo tremendo. E, claro, há o endurecimento que ocorre quando nos comprometemos novamente a cumprir nossas próprias agendas para nossas vidas, a cumprir nossos próprios desejos e a fazer nossa vontade antes da vontade de Deus.

O autor gostaria que permanecêssemos vitalmente cientes de que este é um grande perigo para nossas almas, e devemos permanecer em guarda. Neste processo de estar em guarda, ele nos lembra da importância de nossos companheiros cristãos se quisermos continuar respondendo à palavra de Deus e evitar o endurecimento espiritual. O pecado é enganoso.

O autor sabe disso, e uma pessoa que é enganada muitas vezes não consegue pensar em uma saída para esse engano. Ele ou ela precisa de outros que possam ver como essa pessoa caiu sob o domínio de impulsos e lógica que não são de Deus e ajudá-lo ou ajudá-la a se desembaraçar do mesmo. Então, o autor nos lembra novamente que a religião não é uma questão privada, ao contrário do que as sociedades ocidentais especialmente promulgam.

Investir e manter o foco um do outro em Deus e a firmeza na prática fiel é necessário. É parte do que significa se tornar um cristão e parte da família cristã. O autor também nos lembra de nossa responsabilidade diante de Deus agora e no futuro, que supera todas as outras responsabilidades que possamos sentir.

Refiro-me aqui à lição de Hebreus 4, versículos 12 e 13, lembrando-nos de que nossa prestação de contas final é com Deus, diante de quem ninguém está oculto, diante de quem todos estão expostos, com suas gargantas expostas. Esta palavra, embora de fato represente uma ameaça, também oferece uma palavra de libertação aos crentes. Ao chamar nossa atenção para o Deus a quem devemos prestar contas, o texto também proclama nossa liberdade dos muitos juízes menores que operam por outros padrões.

Não são os padrões ou expectativas dos pais ou colegas seculares, não é o preconceito que nos é ensinado desde o nascimento, e não são os padrões de vida promovidos em anúncios e shoppings, mas somente os valores e a visão de Deus que reivindicam nossa lealdade. Estamos menos inclinados a nos afastar se mantivermos nosso foco em ordenar nossos pensamentos, nossos passos e nossas ambições de modo a sermos achados agradáveis àquele com quem é nossa conta final.